

ETNO-HISTÓRIA GUARANI E A CONSTRUÇÃO DO ESPAÇO A PARTIR DA ARQUITETURA: UM ESTUDO DE CASO NA ALDEIA TEKOKHA AÑETETE

KÜHL, Gracieli Erna Schubert¹
SCHALLENBERGER, Erneldo²

RESUMO

O presente ensaio tem por finalidade apresentar elementos que compõem dissertação de mestrado desenvolvida junto ao Programa de Pós-Graduação em Sociedade, Cultura e Fronteiras/UNIOESTE, a qual tomou como tema o estudo da arquitetura tradicional guarani e a construção do espaço habitado, junto a Aldeia Tekohá Añetete, situada no Município de Diamante do Oeste/PR. São abordadas questões pontuais relacionadas a temática além de elementos conclusivos obtidos no decorrer das atividades. É um estudo de caso baseado na interdisciplinaridade, pois transpassa os limites da história para unir-se a etnografia, a arquitetura e a outras ciências sociais.

PALAVRAS-CHAVE: Cultura Guarani, Arquitetura, Aldeia Tekoha Añetete.

ETNO-GUARANI HISTORY AND CONSTRUCTION OF SPACE FROM ARCHITECTURE: A CASE STUDY IN VILLAGE TEKOKHA AÑETETE

ABSTRACT

This paper aims to present elements that compose dissertation developed by the Programme Postgraduate Society, Culture and Borders / UNIOESTE, which took as its theme the study of traditional architecture and construction of the Guaraní living space, close to Village tekohá Añetete, located in the Municipality of West Diamante / PR. Some questions related to specific thematic elements beyond conclusive obtained in the course of activities. It is a case study based on interdisciplinarity because pierces the limits of history to join the ethnography, architecture and other social sciences.

KEYWORDS: Culture Guarani, Architecture, Village Tekoha Añetete.

INTRODUÇÃO

A cultura Guarani pode ser considerada uma fonte inesgotável para pesquisas nos diferentes campos das ciências humanas, sociais e aplicadas, entre outras, pois é composta por símbolos materiais e imateriais, valores e práticas culturais que historicamente foram sendo incorporadas pela tradição e recriadas em situações de convívio dos diferentes grupos, tanto interna quanto externamente a essa cultura, através do contato com outras realidades.

Trata-se de uma cultura que emerge e se apresenta em um determinado espaço social que é, acima de tudo, simbólico e a partir do qual ela se torna fundamental, pois, além de justificar ações, também possibilita o desenvolvimento e a manutenção dos valores e das crenças dos grupos. No caso dos Guarani, esse espaço coletivo imaginário possui muito mais importância do que o espaço geográfico ou os bens materiais em si. São os bens imateriais, as representações, os símbolos incorporados pela tradição às vivências, ao espaço, aos objetos e à arquitetura que possibilitam a legitimação e a manutenção dos valores culturais do grupo. A representação que o material assume encontra-se pautada em uma esfera superior, intangível, qual seja a esfera simbólica.

Os apontamentos que compõem a presente discussão têm como propósito ampliar as possibilidades de conhecimento de aspectos relacionados à cultura dos guarani e a atmosfera simbólica que os envolve na atualidade, através de análise sobre a construção do espaço habitado. Os elementos materiais estão sendo focados a partir da arquitetura dita 'tradicional' do grupo, com destaque para as características construtivas, materiais e técnicas empregadas, e, sobretudo, nas representações simbólicas presentes em cada elemento incorporado pelos Guarani na construção e no uso desses espaços.

Para desenvolver esta discussão, optou-se metodologicamente por um estudo de caso formulado a partir da etno-história, baseado em pesquisa de campo junto ao grupo Guarani que habita a Aldeia Tekoha Añetete, situada no município de Diamante do Oeste/PR. Este recorte foi instituído pelo fato desse grupo possuir, em sua trajetória, peculiaridades em relação a outras aldeias paranaenses, peculiaridades que, mesmo indiretamente, podem ter provocado alterações significativas em relação ao 'modo de ser' dos Guarani dessa região.

Dentre as ocorrências que diferenciam as aldeias do oeste paranaense de outras há de se considerar, num primeiro momento, a constituição da tríplice fronteira Brasil, Paraguai e Argentina. O território guarani original, do qual se tem conhecimento, abrangia, embora intermitentemente, a região que cobria quase toda a bacia do Prata, incluindo a tríplice fronteira referida. Com a formação dos estados nacionais, esse território, ocupado predominantemente pelos Guarani, foi dividido segundo os novos limites territoriais vigentes. Ocorre que os Guarani necessitaram reconstruir

¹ Historiadora, Mestre em Sociedade, Cultura e Fronteiras – UNIOESTE, Professora de História da Arte e História da Arquitetura nos cursos de Arquitetura e Urbanismo/CAUFAG e Design de Interiores/DB.

² Professor Doutor do Programa de Pós Graduação em Sociedade, Cultura e Fronteiras/UNIOESTE, Orientador da pesquisa de mestrado que gerou este ensaio.

esse espaço, não somente de maneira geográfica, mas também e principalmente de maneira simbólica, pois passaram a ser submetidos à tutela dos poderes nacionais oficiais, segundo o país ao qual sua porção de território é subordinada.

As fronteiras do território original não mais existem perante as diferentes soberanias nacionais formadas a partir da constituição dos estados rio-platenses. Considerando a importância que o território possui para os Guaraní, enquanto lugar de reconhecimento do grupo como unidade cultural, pode-se considerar a possibilidade de que tenham ocorrido alterações substanciais em relação ao seu 'modo de ser', bem como de suas práticas culturais.

Em um segundo momento, outra ocorrência que possivelmente acarretou alterações culturais significativas aos grupos do oeste paranaense foi a formação do reservatório de água para a Usina Hidrelétrica de Itaipu (o atual Lago de Itaipu), no início da década de 1980. Esse fato gerou tensões e transformações, principalmente em relação aos limites geográficos ocupados pelos Guaraní na região. A porção de território original que restou a eles, chamada Tekoha Guassu Jacutinga, foi completamente inundada, levando o grupo a reivindicar novos espaços. A Itaipu então concedeu a estes Guaraní uma porção de área com pouco mais de 200 hectares, chamada de Tekoha Oco'y, situada no município de São Miguel do Iguaçu/PR, espaço esse insuficiente em relação ao número de habitantes a ele destinados, gerando conflitos internos. Ocorreu que muitos Guaraní migraram e iniciaram uma luta por novos territórios. Essa estratégia resultou em duas aldeias com sede atualmente no município de Diamante do Oeste/PR, sendo elas: Tekoha Añetete (1997) e Tekoha Itamarã (2002).

Os aspectos citados acima influenciaram diretamente na delimitação temporal e espacial desta pesquisa. Constitui-se, portanto, objeto de análise da presente dissertação uma dessas 'novas' aldeias, a Tekoha Añetete, no Município de Diamante do Oeste, situada em região de fronteira internacional. O recorte temporal é fixado para o período que se estende dos anos 1970 até os dias atuais, também em função das especificidades citadas acima.

Após visitas de campo para o estabelecimento dos primeiros contatos, definiu-se pela discussão de aspectos relacionados às representações simbólicas atribuídas à arquitetura tradicional guarani e, sobretudo, à construção do espaço habitado.

Esses questionamentos serão abordados a partir do viés da interdisciplinaridade, pois se supõe que, através dessa perspectiva, tanto a metodologia quanto as fontes para a pesquisa proposta ganham corpo e se estendem por caminhos flexíveis e bastante atraentes, possibilitando a interação entre diferentes áreas do conhecimento científico tendo um objeto comum. Nesse sentido, é possível integrar diferentes disciplinas em torno do estudo da Cultura, tais como a História, a Antropologia, a Etnografia e a Arquitetura.

DESENVOLVIMENTO

O surgimento da Arquitetura enquanto 'arte de construir abrigos' remonta à pré-história, justamente no momento em que os indivíduos deixam de ser nômades e passam a habitar determinados locais por um tempo mais longo, basicamente em função do descobrimento e da prática da agricultura.

Neste momento o homem passa de caçador/coletor a agricultor, através do cultivo agrícola. Descobre técnicas de plantio e colheita, o que permite que se fixe por períodos mais longos em um determinado espaço, sem que haja necessidade de movimentos nômades em busca de alimento. Surge, com isso, a necessidade de construir abrigos, para a proteção contra o frio e os animais ferozes. Estes primeiros abrigos são descritos por pesquisadores através do 'mito da cabana primitiva' que para alguns é considerado o início da arquitetura.

Independente de quando ou quem inventou a arquitetura, é consenso entre os pesquisadores que a prática de construir espaços, habitáveis ou não, demonstra características culturais específicas da sociedade em que foram construídos. Ou seja, a arquitetura é um produto cultural, pois é resultado da sociedade que a empreendeu segundo as necessidades ou anseios vividos no momento em que a obra foi idealizada.

Divergências a parte, estas questões são apresentadas a fim de dar sentido às obras desenvolvidas pelos Guaraní na atualidade como sendo resultados da 'arquitetura tradicional'. O termo tradicional é utilizado neste ensaio no sentido de representar os conhecimentos, valores e técnicas transmitidos de geração em geração e que atualmente permeiam o imaginário coletivo dos Guaraní integrantes do Tekoha Añetete. Sendo assim, as obras identificadas como 'tradicionais' são aqui tratadas como construção de espaços a partir de técnicas arquitetônicas tradicionais, resultado de ações desenvolvidas ao longo do tempo e que foram sendo adaptadas, aprimoradas e transmitidas historicamente até atingir as características atuais.

Quando se trata de arquitetura tradicional guarani, deve-se primeiramente rememorar algumas características culturais do grupo. Os Guaraní organizavam-se originalmente no espaço a partir da disponibilidade de alimentos. A sua distribuição e a apropriação do espaço se dava a partir da fixação de pequenos grupamentos ou aldeias que lhes facultassem o acesso às dádivas da natureza na abundância necessária para a estabilidade dos grupos. Quando o espaço apropriado não mais propiciava o sustento necessário, partiam então para novos lugares, com a finalidade de encontrar a abundância para a manutenção do grupo. Nestes espaços as construções eram bastante rústicas e simples, pois a cada migração eram desmontadas e reconstruídas ou abandonadas. Portanto, estas e outras características influenciaram na forma como os Guaraní tradicionalmente desenvolveram sua arquitetura.

Além das questões práticas relacionadas à técnica construtiva, é preciso considerar as transformações ocorridas neste processo a partir dos inúmeros contatos com outros grupos étnicos e, também, as constantes alterações ocorridas internamente, resultado natural das mudanças culturais por que passam os grupos étnicos.

Portanto, discutir a arquitetura tradicional dos guarani, na atualidade, é mais do que refletir acerca das técnicas herdadas dos seus antepassados que, transmitidas e reproduzidas no tempo presente, representam a arte de construir abrigos. Significa, antes de mais nada, demonstrar alguns aspectos relacionados a um processo intenso de contato interétnico com os grupos envolventes, dominados e dominantes, que de alguma forma imprimiram mudanças na formatação arquitetônica que os Guarani na atualidade definem como tradicional.

Além disto, o próprio termo tradicional já induz a várias interpretações, principalmente quando se trata de pesquisas sob a ótica interdisciplinar. Isto porque para alguns o conceito de tradição pode ser considerado como estático enquanto para outros é um aspecto em constante transformação.

Abordando brevemente a discussão do termo ‘tradição’, encontra-se como definição que esta é uma palavra de origem latina, *traditio*, que significa transmissão, ou seja, resume-se ao ato de repassar algo para alguém. Em se tratando de cultura, pode-se afirmar que é a transmissão de conhecimentos, práticas e valores de uma pessoa à outra, geralmente estendendo-se por várias gerações.

Tradição possui muitos significados: pode estar atrelada ao conservadorismo e ao resgate de períodos passados considerados gloriosos; pode ser inventada para legitimar novas práticas apresentadas como antigas. Muitas vezes é pensada como imóvel, mas hoje cada vez mais estudiosos percebem suas ligações com as mudanças. Está ligada ao folclore, à cultura popular e à formação de identidades (SILVA, 2006).

Refletir, portanto, sobre aspectos da arquitetura dita ‘tradicional Guarani’ significa esbarrar em questões teóricas e práticas que somente por uma opção metodológica baseada em estudo de caso pode tornar viável a pesquisa científica. Isto porque esta tradição arquitetônica atualmente se encontra envolta por tecnologias e materiais não indígenas. Ainda assim, dentre as características próprias da cultura guarani, facilmente a pesquisa depara-se com divergências nos relatos, mesmo entre depoentes de uma mesma aldeia, como é o caso do Tekoha Añetete.

Segundo o antropólogo Rubem T. Almeida, em entrevista concedida para esta pesquisa:

É difícil você dizer que existe uma construção arquitetônica Guarani tradicional, porque se você ‘andar’ pelo Guarani do Paraná/ ilha do mel, se pensar em Paraná/Pinhalzinho, Paraguai, Guarani do Rio de Janeiro, do Mato Grosso do Sul/Amambaí, você vai ter uma gama enorme de variações. Não se pode afirmar que exista uma construção tradicional. Então como é que eles fazem hoje? Será que hoje eles tendo o material disponível e as condições o que eles fariam? Neste caso a casa do Vicente é típica. [...] Tradicional é pensar como eles constroem hoje. (Rubem Ferreira Thomaz Almeida - Entrevista concedida a Gracieli E. Schubert Kühl, em 03 e 04/01/2013, Rio de Janeiro/RJ).

A definição de ‘arquitetura tradicional’ adotada para esta pesquisa define-se, portanto, a partir de entrevistas realizadas com os informantes Guarani que residem na aldeia. Estes por sua vez indicaram as obras classificadas como sendo tradicionais, bem como, suas características. Além disto, foram apresentadas imagens destas construções ao antropólogo Rubem Thomaz Almeida, que acompanhou a trajetória do grupo desde o processo de reivindicação do seu atual território, até pouco tempo, e que reforçou as informações relacionadas a esta análise.

Antes de adentrar na discussão sobre as obras arquitetônicas existentes na aldeia, é preciso enfatizar que a casa em si é apenas um elemento que compõe o espaço habitacional construído pelo Guarani, isto porque as funções diárias são desenvolvidas no espaço do ‘pátio’/oká, que significa ‘fora’, ‘fora da casa’ e não somente na casa de moradia. “A vida social, a vida cotidiana, mesmo a comida é tudo feito no oká, ou no quintal como nós chamaríamos. É esta a concepção que se tem sobre a arquitetura Guarani. Quer dizer, não é só a construção da casa, obvio que tem o seu sentido também”, (ALMEIDA, 2013, registro oral), porém, deve-se considerar todo o entorno, o pátio em si, para então compreender a dinâmica social desenvolvida no espaço residencial.

A unidade residencial Guarani Kaiowa e Guarani Nandeva contemporânea é a família nuclear [**xe ñemoña**], que é também uma unidade produtiva. Ela tem seu lugar dentro do **tekoha** (...). Assim, há um espaço para a construção da moradia, para fazer a roça e, sempre que possível áreas de caça e pesca que sustentam o casal e seus descendentes, quase sempre distante de suas moradias. [...] Em todas as habitações Kaiowa e Nandeva há invariavelmente o ‘patio’ ou **oká**, não raro com uma ramada ou árvores para abrigo do sol. É uma área limpa em torno das construções e onde se realizam festas e cerimônias, recebem-se visitas, realizam-se encontros e reuniões. É onde o cotidiano se desenvolve de fato, constituindo um ‘lugar de estar’, com bancos e espaços para sentar, sendo, portanto, público. Nas margens desse ‘pátio’, os Nandeva e Kaiowa plantam ervas medicinais [**juju**] para uso diário. Em algumas casas a roça fica imediatamente após o ‘pátio’, ou seja, é uma continuidade da habitação (ALMEIDA, 2001, p. 131).

Após registrar que a arquitetura do espaço habitado Guarani, não se resume somente a casa em si, mas ao seu entorno, pode-se adentrar na discussão sobre os materiais e técnicas utilizadas nas construções propriamente ditas, praticadas por indivíduos desta etnia, as quais representam a forma dita ‘tradicional’ de construção do grupo.

Segundo pesquisas registradas, em períodos anteriores, os Guarani construíam e habitavam as casas grandes/ogajekutu, as quais abrigavam um número expressivo de indivíduos, componentes das famílias nucleares.

Tradicionalmente habitavam casas-grandes chamadas **ogajekutu** [casa fincada no chão] de um só bloco, sem qualquer divisão interna e paredes que se confundiam com o teto. Eram ocupadas por diversas famílias nucleares, que formavam uma família extensa, centralizada na pessoa de um chefe religioso, o qual dividia a organização política, social, econômica e religiosa do grupo com um líder político a ele subordinado. A ampliação das famílias nucleares correspondia a ampliação da **ogajekutu**, de maneira que todas as famílias permaneciam dentro dela (ALMEIDA, 2001, p. 125).

Atualmente, os Guaraní constroem residências menores e casas de reza/opy. Outras obras praticamente inexistem dentro da dinâmica dos grupos. Em relação à técnica construtiva, estas obras apresentam-se de forma bastante simples, deixando para as questões simbólicas a presença mais marcante.

Outra característica marcante nesta organização espacial é que esta etnia elabora duas construções:

Cada família elementar constrói sua própria habitação, composta de duas construções fechadas [**koty**], uma ao lado da outra. Uma delas, em geral a mais ampla, constitui o espaço de dormir e é reservada à família. Raramente o visitante, principalmente se não é indígena, tem acesso a **koty**, local onde a família [**ñemoña**] toma mate junto ao fogo [**tata ypype**], nas manhãs ou ao entardecer. (...) A outra construção também serve para abrigar a intimidade das famílias (nucleares), e é onde preparam e consomem os alimentos, funcionando também como despensa para armazenar os produtos da roça, as ferramentas e outros utensílios (ALMEIDA, 2001, p.131).

A partir desta descrição, pode-se tecer uma breve análise desta tipologia construtiva em relação ao que se observa no Tekoha Añetete. Presume-se, portanto, que realmente esta casa, chamada pelos Guaraní de ‘casa do fogo’ é uma demonstração da arquitetura tradicional, não só em função do material ou da técnica, mas também e principalmente, em relação ao uso que fazem destas obras. Tradicionalmente, os Guaraní construíam dois espaços considerados residência, conforme afirma Almeida na citação acima.

Seguindo a discussão relacionada à arquitetura dita ‘tradicional’ dos Guaraní, segundo José Perasso e Jorge Vera (1986, p. 95), pesquisadores que analisaram etnograficamente os grupos Guaraní Chiripá com sede no Paraguai, “Los Chiripa construyen generalmente su og miri / og’i (vivenda familiar – nuclear) con cubierta a doble agua de jahape (imperata brasiliensis – sapê), cerrando las secciones laterales con bambusáceas, gramíneas, yvara e maderas diversas;”

Apesar de na atualidade serem avistadas habitações indígenas contendo elementos industrializados, geralmente reutilizados por estes grupos, a construção da residência típica Guaraní segue fazendo uso de materiais e técnicas herdadas dos antepassados.

Basicamente, são utilizados materiais naturais como o sapê, as folhas e o tronco da palmeira/pindo (*Arecastrum romanzoffianum*), galhos roliços de madeira, cipó e barro.

As paredes são de tronco de **pindó** (uma espécie de palmeira), cortados longitudinalmente e fincados no chão. Também utilizam como parede, quando há, a **takuara** batida, que forma placas amarradas à estrutura da casa. O telhado é preferencialmente de sapê, mas as ramas de **pindó** também podem ser utilizadas, apesar de serem menos apreciadas, por durarem menos (ALMEIDA, 2001, p. 132).

Esta palmeira/pindo possui ligação com a cosmologia Guaraní. Segundo os depoentes, ela representa um dos suportes que sustenta o mundo; em função disto a sua utilização na construção da opy é fundamental. Segundo Assis (2006, p. 153), “a denominação nativa de esteio, pindovy, (pindo, palmeira; vy, erguido, ereto, na vertical), expressa claramente a relação entre um e outro”.

Em relação à técnica construtiva das obras existentes no Tekoha Añetete, percebe-se que, igualmente como em outras construções, primeiro é feita a parte estrutural da residência: são cravados no chão, madeiras e galhos roliços ou troncos de palmeira na posição vertical, como se fossem colunas para sustentação das paredes; em seguida são afixadas as tesouras na parte superior da obra, com o mesmo material da parte inferior a fim de sustentar a cobertura.

Na imagem abaixo, a construção da direita apresenta apenas a fase estrutural da obra, enquanto a imagem da esquerda já possui a cobertura e algumas paredes. Esta cobertura mostrada na imagem possui peças de fibrocimento, diferenciando-se das obras tradicionais que utilizam fibras naturais. Ainda assim, a imagem foi mantida como forma de demonstrar a técnica empregada e também para reafirmar a presença de elementos não indígenas nas obras empreendidas pelos Guaraní. É possível presenciar esta prática em muitas casas na aldeia. Segundo relatos, isto ocorre em função da escassez de materiais na natureza local, levando-os a adotar elementos industrializados.

Imagem 1 - Imagem contendo duas construções, uma delas apresenta a parte estrutural e a segunda contém a cobertura e algumas paredes. Aldeia Tekoha Añetete, Mun. De Diamante do Oeste/PR, em abril 2012,



Fonte: por Gracieli E. Schubert Kühl.

As paredes também são feitas com troncos de palmeira ou galhos roliços de árvores, ambos com menor espessura, igualmente fincados no chão e amarrados uns aos outros com cipó preto. Em alguns casos é feito revestimento com um tipo de esteira, uma amarração de filetes de taquara trançados. Em outros casos o revestimento constitui-se de barro, disposto a partir de técnica semelhante às de construções de pau-a-pique, onde a trama de madeira e os galhos roliços ficam entre duas paredes de barro. Segundo relatos colhidos com representantes do grupo, estas duas formas de revestimento são utilizadas com a finalidade de vedação interna, proporcionando maior conforto térmico na casa.

As madeiras utilizadas são o marfim, o angico ou o rabo-de-bugio, pois são mais duras e não permitem que os carunchos as destruam. Esta madeira utilizada na construção é retirada da mata, porém, para isto existe um ritual religioso a ser seguido. Antes da construção da obra em si, é necessário que o rezador local seja consultado. É ele quem dirá se a obra deve ser feita ou não. Em seguida os construtores vão até a mata e escolhem a árvore que melhor se adapta à obra que desejam construir.

Segundo o Professor João Alves, antes de cortar a madeira eles também precisam ir até a casa de reza para que o rezador peça permissão ao 'dono' daquela árvore para que a mesma seja cortada e utilizada na obra. Somente depois deste processo é que o material é cortado, retirado da mata e levado ao local da construção. Segundo os Guarani, caso não seja solicitada esta permissão, o dono da árvore poderá trazer coisas ruins aos moradores da casa, inclusive doenças e morte.

A cobertura geralmente é feita com capim sapê (*Imperata Brasiliensis*) ou folhas de palmeira, conforme disponibilidade no local; são amarradas com cipó. Especificamente neste grupamento, em função da escassez dos materiais acima citados, está se fazendo uso de outro capim nas coberturas, chamado de capim Santa Fé, cultivado no local. Segundo o funcionário da Itaipu que atua nas aldeias da região, João Bernardes, existe a intenção de cultivar uma área maior desta planta a fim de haver disponibilidade permanente para atender a demanda das construções.

Segue imagem ilustrando uma residência em construção, onde é possível perceber a composição da cobertura com o referido capim Santa Fé, ainda verde, a colocação das paredes e principalmente as amarrações feitas com cipó. Nos exemplos apresentados abaixo, não se fez uso de materiais industrializados como pregos ou arames, é definido como 'tradicional'.

Imagens 2 e 3 - Construção de residência 'tradicional' no Tekoha Añetete. Detalhe para o uso de capim santa fé na cobertura, paredes de roliços e amarrações de cipó. Em dezembro de 2012



Fonte: por Gracieli E. Schubert Kühl.

Imagem 3 e 4 - de residência 'tradicional' no Tekoha Añetete. Detalhe para o uso de capim santa fé na cobertura, paredes de roliços e amarrações de cipó. Em dezembro de 2012



Fonte: por Gracieli E. Schubert Kühl.

O piso no interior das residências é de chão batido. Esta técnica possibilita outro aspecto ligado à cosmologia Guaraní, que é a prática ligada ao fogo de chão. Como citado anteriormente, a manutenção do fogo de chão está relacionado à manutenção da saúde e à cura de doenças, além do preparo de alimentos como o milho. A fumaça produzida pelo fogo está relacionada à cura de muitas doenças e outros males que podem acometer os indivíduos.

O interior das construções guarani geralmente não possuem divisões; o fogo de chão fica no centro em torno do qual as atividades são desenvolvidas. Quando ocorrem divisões internas, são para formar o quarto ou cômodo de descanso onde ficam os locais para repouso, embora estas situações sejam incomuns.

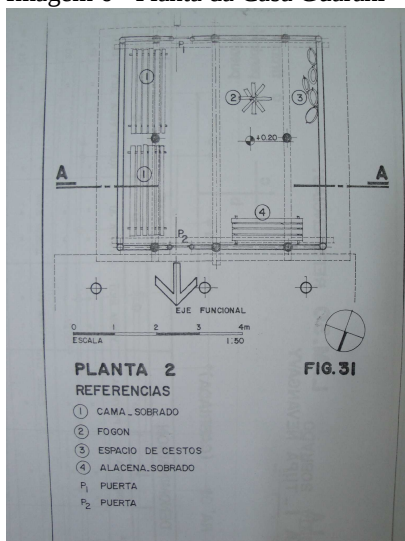
Em tempos mais distantes, não existiam camas no interior das casas, mas somente folhas de palmeira devidamente dispostas no chão, formando uma espécie de colchão. Em período mais recente, é possível encontrar as tarimbas, um estrado de madeira utilizado como cama. Tanto as acomodações feitas com folhas de palmeira quanto às tarimbas são organizadas no entorno do fogo de chão.

Imagem 5 - Imagem atual do interior de uma residência Guarani no Tekoha Añetete. Mun. De Diamante D'Oeste, em abril de 2012



Fonte: por Gracieli E. Schubert Kühl.

Imagem 6 - Planta da Casa Guarani



Fonte: PERASSO (1987).

Segundo relatos dos integrantes da aldeia, não é aconselhável a construção de residências ou casas de reza nos períodos em que a lua esteja na fase nova. Recomenda-se que as edificações somente sejam realizadas na lua minguante ou crescente. Isto porque a estrutura da casa torna-se mais forte quando construída nestes períodos, pois o ataque de pragas que danificam a matéria-prima é menor.

A mão de obra para construção é coletiva. O futuro morador conta com a ajuda dos demais membros do núcleo familiar. Quando se trata da construção de uma casa de reza, onde é necessária a participação de um número maior de pessoas, ocorre o que alguns autores chamam de potirõ.

O **potirõ** é uma modalidade social importante para estimular as relações e vínculos entre os grupos locais. Nestas ocasiões estabelecem-se, reforçam-se ou reordenam-se alianças políticas e de parentesco. Esta categoria de atividade esta pautada no valor do **mborayu** / reciprocidade, generosidade. (...) É acionado para aquelas atividades que requerem um numero amplo de pessoas, para além da família nuclear (ASSIS, 2006, p. 158).

Além das residências, os Guarani constroem as casas de reza/Opy, que é o lugar onde se centralizam as manifestações religiosas e também alguns rituais de cura. Cada grupo familiar (ñemoña) deve ter sua casa de reza.

Em relação à construção ou reforma de casas de reza, é seguido calendário próprio, sendo todo o processo de construção orientado pelo rezador que recebe dos deuses a indicação da data e do local mais adequado para a construção. O período indicado para construir é a primavera, isto porque é o período dos batismos, quando a casa fica fortalecida perante a fé guarani. Além disto, é a estação das grandes cerimônias, pois, além de ser destinada à construção de casas de reza, reúne os rituais de batismo das sementes que serão cultivadas no próximo plantio e, por isto, é um período que proporciona força espiritual a tudo que se inicia.

A perspectiva cíclica do mundo – na qual tudo passa por uma sequência recorrente de nascimento, amadurecimento, morte e renascimento – presente nas narrativas míticas, aparece desdobrada em várias situações sociais, dentre as quais se inclui a **opy**. As estações do ano expressam esta concepção cíclica e a primavera é entendida como a época de nascimento e renovação da vida. Este é um período de grande movimentação nas

aldeias. É quando intensificam as atividades de tudo o que se refere a esta fase, como a preparação da terra e das sementes (especialmente de **avati**) para o cultivo, incluindo aí a construção ou reforma da casa ritual (ASSIS, 2006, p. 153).

A técnica construtiva que antecede a implantação da casa de reza é idêntica a das residências; segue o padrão com paredes de roliços de madeira, chão batido e cobertura de fibra vegetal seca. As representações simbólicas encontram-se mais fortemente registradas nestas obras.

O centro do **tekoha**/aldeia corresponde ao lugar onde se encontra a **opy**. Possuir um centro parece ser significativo para os Mbyá. O centro significa o eixo, o vértice, a base onde os demais elementos do mundo podem se mover. A palavra **opy** em sua tradução literal quer dizer casa central, **o** – casa e **py**, centro. Os significados destas raízes lingüísticas, **py**, centro e **y**, coluna, viga, eixo a partir do qual algo começa ou se apóia, permitem entender a importância dessa ideia no pensamento e no cotidiano social do grupo (ASSIS, 2006, p. 184).

Apesar de toda relevância da casa de reza enquanto local de convergência do grupo cabe ressaltar que visualmente ela não se destaca em meio à distribuição espacial das demais construções no interior de aldeias Guaraní, pois, segundo ASSIS: “os dois tipos obedecem aos mesmos estilos arquitetônico e tecnológico”. A única diferença que pode ser percebida é quanto a sua dimensão, uma vez que ela pode ser maior que as demais **o’o**/casas a fim de possibilitar o abrigo de todos aqueles que participam dos rituais (ASSIS, 2006, p. 151).

Depois de concluída a **opy**, coloca-se o altar, que deve conter todos os seus elementos rituais para que a qualquer momento possam ser realizadas cerimônias. Como vimos no capítulo anterior, entre os objetos presentes nos rituais guarani pode-se destacar o Mbaraka miri / chocalho de uso masculino, Takua / taquara ou instrumento de uso feminino, o cocar, o violão e em alguns casos um violino.

Em el **Nande Ru rog** se dispone el **tatarendy’y** (sitio de las luminárias donde se penden los objetos rituales); el referido apelativo se aplica em forma generalizada as “altar” que se levanta em la sección este. **Nande rováí**, donde aparece **Kuarahy** (**Kuarahy oséhápe**), ocupando la sección anterior a la batea, **ygary ña’e**, para la chicha (PERASSO, 1986, p. 96).

O Professor Vicente relatou que atualmente os jovens estão desinteressados quanto ao conhecimento das técnicas tradicionais de construção guarani. Em sua opinião esta técnica deve ser mostrada e ensinada às novas gerações a fim de preservar esta tradição. Inclusive, muitas construções atuais não seguem os padrões tradicionais; não são orientadas pelo rezador, o que poderá ocasionar má sorte aos futuros moradores ou, até mesmo, a permanência pouco duradoura na casa.

Uma característica da arquitetura feita pelos moradores da aldeia é a implantação de uma obra ‘tradicional’ ao lado das construções feitas pela Cohapar e pela Itaipu, também presentes na aldeia. Esta obra tradicional caracteriza-se como uma espécie de anexo que na realidade é uma complementação do espaço habitado, do pátio/oká, conforme citado há pouco. Segundo o professor Vicente, isto está relacionado à necessidade de preservação das técnicas construtivas dos Guaraní.

Segundo ele, esta construção, além de ser utilizada para manter o fogo de chão, também tem a função de mostrar aos mais jovens um exemplo da arquitetura praticada por seus antepassados, para que este conhecimento não se perca em meio às construções em estilo não– guarani, existentes na Aldeia.

Imagem 7 - Residência do Sr. Vicente Vogado. Detalhe das duas construções, a frente a casinha do fogo, segundo técnica tradicional (roliços de madeira nas paredes e cobertura vegetal seca) e ao fundo a obra da Cohapar, com as varandas de piso cimentado, paredes de alvenaria até a altura do peitoril das janelas e o restante de madeira com cobertura de telha. Aldeia Tekoha Añetete,



Fonte: por Gracieli E. Schubert Kühl em julho 2012.

Como resultado das pesquisas para elaboração deste tópico, sobre a arquitetura praticada atualmente pelos Guarani no Tekoha Añetete, pode-se constatar que as informações relacionadas ao significado simbólico dos elementos ou mesmo das construções foram citados por eles, mas de maneira vaga.

É possível supor alguns dos motivos que levaram a esta situação; entre os menos prováveis surge o que pesquisadores definem como um “muro de silêncio” cerceando aspectos da cosmologia dessa sociedade, conforme afirmou Pierre Clastres (1978).³ Esta possibilidade se sustenta somente em função do contato estabelecido entre os Guarani e o Juruá/branco desde tempos imemoriais e a resistência criada na sua trajetória histórica. Porém, os momentos de contato entre a pesquisadora, os informantes e demais habitantes da aldeia foram muito proveitosos e em clima de aparente aceitação, sem portanto transparecer qualquer resistência da parte deles.

Outra constatação sugere, portanto, que estes elementos simbólicos constituem um universo realmente cosmológico, atuando enquanto concepção de mundo articulada à vida social, norteando a elaboração de categorias de pensamento locais, bem como de atributos da identidade pessoal e coletiva. Porém, constituem sistemas praticamente intraduzíveis, ou seja, são aspectos existentes no imaginário Guarani, mas que quando transformados em discurso, em palavras, tornam-se de difícil definição.

Possivelmente, esta constatação esteja relacionada ao que muitos autores discutem sobre a relação entre símbolo e sinal. Segundo SCHALLENBERGER (2001, p. 03), “O símbolo é a melhor expressão de alguma coisa. Enquanto vivo e cheio de significado ele está para além da explicação imaginável. O símbolo nunca pode designar coisa conhecida, pois, neste caso, ele é sinal”.

Aproximando esta discussão ao objeto de estudo, no caso a arquitetura atual dos Guarani e suas representações, os símbolos seriam os aspectos imaginários presentes no uso e nas atribuições da casa de reza, por exemplo, mas que dificilmente podem ser descritos, pois permeiam a consciência desta coletividade. Caso os Guarani atingssem a descrição destes símbolos, eles teriam seus sentidos em parte anulados, pois “uma vez encontrado o sentido que nele é procurado, ela passa a ser símbolo morto que só mais terá significado histórico” (SCHALLENBERGER, 2011, p.03).

Portanto, ao finalizar esta discussão, ressalta-se que foram abordados aspectos culturais dos Guarani registrados através da arquitetura, sendo esta uma representação do universo cosmológico do grupo, permeada por símbolos que compõe o imaginário coletivo dos habitantes do **Tekoha Añetete**. Sendo assim, pode-se afirmar que “O símbolo é sempre um produto de natureza altamente complexa que se constitui de dados racionais e irracionais fornecidos pela simples percepção interna e externa, isto é, afeta tanto o pensamento quanto o sentimento, mexe com a sensação e a intuição” (SCHALLENBERGER, 2011, p.03).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Em relação à arquitetura tradicional guarani propriamente dita, um dos aspectos identificados durante a pesquisa de campo, foi a constatação de que para estes grupos a casa enquanto construção arquitetônica é somente uma casca, o elemento que envolve um conjunto muito maior de significações. O mais importante é a simbologia que reveste o seu uso e revela a vida do grupo através das práticas culturais, das cerimônias, dos encontros em que o rezador transmite a palavra e educa a alma.

Sendo assim, é possível concluir que a arquitetura material, aquela que é visível, palpável e descritível não representa tudo aquilo que realmente faz sentido ao ‘modo de ser Guarani’. É, portanto, a força das palavras e das ações que justificam toda a dinâmica religiosa do grupo e não as características físicas apresentadas.

Esta arquitetura que se pretendeu analisar reflete, portanto, uma arquitetura do simbólico, da representação e não do material físico. O aspecto mais relevante para estes grupos étnicos é a ‘força do sentido’ que se constrói no dia-a-dia, na significação que se cria a partir do uso e das práticas cerimoniais realizadas no local. É uma arquitetura que transcende o material, é imaterial, é o sagrado, o simbólico que se cria lentamente através das pessoas, dos ritos, da significação que se incorporam na cultura através das práticas cotidianas.

Acredita-se que fomentar o conhecimento em relação a estes processos é algo importante para esta coletividade étnica, tanto para os habitantes mais jovens quanto para as futuras gerações que povoarão o Añetete e que farão uso destes espaços, resignificando-os a partir de suas práticas e valores.

Evidente que esta discussão colocou-se como inicial em relação à gama de possibilidades de pesquisa voltadas a esta temática. Pretende-se, porém, estimular novos trabalhos que tomem como objeto de estudo o Tekoha Añetete, analisando seus costumes, práticas, valores, arquitetura, objetos. Enfim, espera-se que inúmeras outras pesquisas aconteçam para que este e outros grupos indígenas sejam conhecidos e aos poucos ocupem espaço na historiografia regional.

³ IN: SANTOS, 2012 p. 20

REFERÊNCIAS

- ALBERNAZ, A. R. **A interpretação do mundo e projetos de futuro dos Ava-guarani de Ocoy.** In: Revista Espaço Ameríndio, Porto Alegre, 2007.
- ALMEIDA, R. F. T. **Do desenvolvimento comunitário à mobilização política: o Projeto Kaiowa-Ñandeva como experiência antropológica.** Rio de Janeiro: Editora Contra Capa: 2001.
- AMADO, J.; FERREIRA, M. M. **Usos & abusos de história oral.** 7 edição. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2005.
- ASSIS, V. S. **Dádiva, mercadoria e pessoa: as trocas na constituição do mundo social Mbyá-Guarani.** Tese de doutorado apresentada ao PPG em Antropologia Social, Instituto de filosofia e Ciências Humanas/UFRGS, Porto Alegre: 2006.
- BARTH, F. **Grupos Étnicos e Suas Fronteiras.** In: POUTIGNAT, P.; STREIFF-FERNART, J. **Teorias da Etnicidade.** Tradução de Elcio Fernandes. São Paulo: Unesp, 1998.
- BLOCH, M. Pour une histoire comparée des sociétés européennes. Revue de Synthèse Historique. 6: 15-50, 1928. IN: BARROS, J. D. **História comparada – da contribuição de Marc Bloch à constituição de um moderno campo historiográfico.** Revista História Social. Campinas/SP, 2007. Núm 13, p. 07-21.
- BOTTON, F. B. **A imagem do homem: cruzamentos discursivos entre composição da imagem fotográfica e da masculinidade no final do século XIX.** OPSIS, Catalão, v. 11, n. 1, p. 125-141 - jan-jun 2011.
- BOURDIEU, P. **O poder simbólico.** 6ª edição. Trad. Fernando Tomaz. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2003.
- BURKE, P. **A escola dos Annales (1929-1989).** São Paulo: Unesp, 1990.
- CARDOSO, C. F.; VAINFAS, R. **Domínios da história : ensaios de teoria e metodologia.** Rio de Janeiro: Campus, 1997.
- CHARTIER, R. **A história cultural: entre práticas e representações.** Tradução Maria Manuela Galhardo. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1990. 245p.
- CONRADI, C. **O movimento dos Guaraní de reocupação e recuperação de seus Territórios no Oeste do Paraná.** Congresso Nacional de História, Maringá/PR: 09 a 11 de setembro de 2009. DOI: 10.4025/4cih.pphuem.595
- COSTA, Z. T. A. O reassentamento de um grupo indígena Avá-Guarani atingido pela construção da UHE Itaipu Binacional. Trabalho de Conclusão de Curso. (Graduação em Ciências Sociais) – Universidade Federal de Santa Catarina, 2002.
- COUCHE, D. **A noção de cultura nas ciências sociais.** Bauru: EDUSC, 1999.
- GEERTZ, Clifford. **A interpretação das culturas.** Rio de Janeiro: Ed. Guanabara, 1989.
- GIMENEZ, G. **Cultura, identidad y memoria. Materiales para una sociología de los procesos culturales en las franjas fronterizas.** Frontera Norte, vol. 21, núm. 41, enero-junio, 2009, pp. 7-32. El Colegio de la Frontera Norte, A.C. México.
- GLANCEY, J. **A história da arquitetura.** Trad. BORGES, Luis Carlos & MARCIONILO, Marcos. São Paulo, Edições Loyola, 2001.
- LADEIRA, M. I. **Espaço geográfico Guarany-Mbya: significado, constituição e uso.** Maringá,PR: Eduem; São Paulo: Edusp, 2008.
- LE GOFF, J. **História e memória.** Campinas: Unicamp. 1994.
- MELIÁ, B **Território, cultura, história e identidad.** IN: SCHALLENBERGER, Erneldo (org.). Identidades nas fronteiras: território, cultura e história. São Leopoldo: Oikos, 2011.

MENESES, U. T. B. **A história, cativa da memória? para um mapeamento da memória no campo das Ciências Sociais.** Revista do Instituto de Estudos Brasileiros, n. 34, p. 16, 1992.

NORA, P. **Projeto história.** Revista do programa de estudos em história da PUC-SP, São Paulo, v. 10, 1981.

NÖTH, Winfried. **Panorama da Semiótica: de Platão a Pierce.** São Paulo: Annablume, 1997.

OLIVEIRA, J. E.; PEREIRA, L. M.; BARRETO, L. S. **Laudo antropológico referente à diligência técnica realizada em parte da área da antiga fazenda bananal, também conhecida como Santuário dos Pajés, localizada na cidade de Brasília, Distrito Federal, Brasil.** Dourados (MS) – agosto de 2011. <http://brasil.indymedia.org/media/2011/10//498392.pdf>

OLIVEIRA, R. C. **Caminhos da identidade: ensaios sobre etnicidade e multiculturalismo.** São Paulo: Ed. UNESP, 2006.

_____. **Sociedade e Cultura.** V. 6, N. 2, JUL./DEZ. 2003, P. 117-131)

PERASSO, J. A.; VERA, J. **La cultura Guaraní en el Paraguay contemporaneo (etnografía ava-kue-chiripa).** Assunção : RP, 1987. 272 p.

PRUDENTE, L. T. **Arquitetura Mbyá-Guarani na Mata Atlântica do RS: Estudo de caso do Tekoá Nhüu Porã.** 2008. 164 f. Dissertação (Mestrado em engenharia Civil). Programa de Pós-Graduação em Engenharia Civil, UFRGS, Porto Alegre, 2007.

RIBEIRO, S. Y. G. T. **O horizonte é a terra: manipulação da identidade e construção do ser entre os Guaraní no oeste do Paraná** (1977-1997). PUC-RS: Porto Alegre , 2002. (tese de Doutorado).

SANTOS, M. **Território e sociedade.** 2ª reimp. São Paulo: Ed. Fundação Perseu Abramo, 2004.

SANTOS, J. G. **Entre homens e diabos: uma etnografia dos Guaraní Nhandéva sofreadores do –jepotá.** 2012. Dissertação (Programa de Pós-Graduação *Stricto Sensu* em Ciências Sociais) - Universidade Estadual do Oeste do Paraná/Campus Toledo.

SCHADEN, E. **Aspectos fundamentais da cultura Guaraní.** São Paulo: EPU, Ed. Da universidade de São Paulo, 1974.

SCHALLENGER, E. **O Guairá e o espaço missioneiro: índios e jesuítas no tempo das missões rio-platenses.** Cascavel – PR: Coluna do Saber, 2006.

_____. **Identidades nas fronteiras: território, cultura e história.** São Leopoldo: Oikos, 2011.

SCHIAVETTO, S. N. O. **A arqueologia Guaraní: construção e desconstrução da identidade indígena.** São Paulo: Annablume: Fapesp, 2003.

SILVA, J. T.; SILVA A. L. **O sistema de objetos nas sociedades indígenas: arte e cultura material.** IN: SILVA, A. L.; GRUPIONI, L. D. B. A temática indígena na escola: novos subsídios para professores de 1º e 2º graus. 3ª Ed. – São Paulo: Global. 2000. (369-406).

_____. **Memória e esquecimento.** Revista de Divulgação Cultural, Blumenau, v. 13, n. 44, p. 63-69, jul./ago. 1990.

SILVA K. V.; SILVA, M. H. **Dicionário de conceitos históricos.** Ed. Contexto – São Paulo: 2006.